

Depoimento nº 3 (VDCA de natureza Física e Psicológica)

Me chamo Olavo e hoje tenho 13 anos. Minha vida foi muito difícil e ainda tem sido, mas menos do que era antes quando eu vivia com a minha família. Minha mãe sempre me maltratou, me castigou, me espezinhou, me chutou, me furou, como se eu fosse uma coisa qualquer, menos o próprio filho. Isto desde que eu era bebê. Meus irmãos foram poupados e muitas vezes estimulados por ela a me agredirem física e verbalmente também.

Foram momentos que pareciam nunca terminar. Meu pai não me defendia porque passava o dia fora de casa trabalhando e, quando chegava e me via machucado, eu acabava dizendo-lhe que havia caído ou outra coisa qualquer. Eu sinto que minha mãe me tratava desta maneira porque tinha ódio de meu pai e não podia descontar nele. Ele teve outra mulher que ela descobriu na época em que eu nasci, e soube, além disso, que esta mulher dera à luz uma filha dele que era muito parecida comigo fisicamente. Aí então começou o meu martírio: insultos; chutes; socos; garfadas com garfo quente que me deixaram um enorme furo no céu da boca; com a chave de fenda quente que me derreteu parte da língua; perdi dentes com socos dela; tenho várias cicatrizes de cortes e queimaduras por todo o corpo, tenho vários ossos quebrados que consolidaram nem sei como; tenho um corte de 15 centímetros na barriga porque vários chutes dela me fizeram perder parte do intestino, depois de uma grande hemorragia, enfim tantas coisas horríveis que nem gosto de me lembrar, mas que me fizeram ir a muitos hospitais diferentes e, neles eu pude ser enfim "bem tratado e bem cuidado". Mas todo mundo acreditava nela, pois dizia aos médicos que eu era um menino débil, doente, que caía muito, que se auto mutilava, e eles... Eles sempre acreditavam nela, e eu acabava voltando para ela, para o meu calvário. Até que um dos hospitais, e aí eu já tinha quase 8 anos, suspeitou e não quis me devolver a ela enquanto não fizesse uma investigação na Justiça das crianças. Perguntaram milhões de coisas para nós e afinal, de novo, voltei para casa. Mais alguns anos se passaram e minha tia um dia me pegou, sem que minha mãe soubesse e avisou um serviço que tinha advogado que eu estava queimado e que ela continuava me maltratando. Aí então, as coisas começaram a melhorar, fiquei morando com a minha tia, enquanto um inquérito policial começava; inquérito que não deu em nada, pois ela foi absolvida por insuficiência de provas. Ela fez quatro anos de psicoterapia que também não resultaram em nada. Eu voltei novamente para ela. Até que ela me quebrou o braço de

novo, mas desta vez minha advogada veio com tudo, conseguiu me tirar dela, e o juiz de crianças, depois de um processo que durou um tempo, tirou o pátrio poder dela, por tudo que fez, e do meu pai, por tudo que ele não fez. E eu fui para uma instituição. Ela ficou em casa com meus irmãos e com meu pai, no bem-bom, eu foi internado. Comecei a ser atendido por um hospital, onde fiz uma cirurgia para desgrudar minha língua, parar de babar e poder falar melhor. Ainda tenho quatro cirurgias corretivas na boca para fazer, mas este tratamento parou, porque a advogada que me acompanhava saiu daquele lugar onde eu era atendido. Um ano mais tarde, comecei a ser atendido em psicoterapia e em psicopedagogia... claro, além das minhas dificuldades psicológicas, estou mal na escola, que não frequentei direito (estou na terceira série). Mudei de instituição, onde fui maltratado fisicamente, e moralmente também, pela dona da instituição (que depois da minha saída de lá, está sendo processada). Depois que comecei a terapia, sou capaz de responder a uma agressão, de cuidar mais de mim. Mas ainda, muitas vezes, fico deprimido com a minha situação, que não se resolve, e com o meu corpo, que precisa de tantos cuidados. Daí, fui para a instituição onde estou atualmente, esperando para retornar meus tratamentos médicos, como me prometeram. Minha mãe está sendo julgada na justiça criminal e a sentença deve sair em breve. Mas se ela for presa, eu fico preocupado com os meus irmãos, ela os trata bem, e meu pai nem sabe fazer comida.

Agora só me resta aguardar estas decisões e ir reconstruindo minha vida, mas sem possibilidade de família, que é o que eu mais queria no mundo. Ser amado e querido, ter uma família..." (São Paulo / Brasil).

Fonte: Azevedo, Maria Amélia e Guerra, Viviane Nogueira de Azevedo, 1994, Infância e Violência Doméstica / Perguntelho / O que os profissionais querem saber, São Paulo: Lacri/USP.